

A LITERATURA-ARTE NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UM ESTADO DA ARTE

LITERATURA-ARTE EN LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA:
UN ESTADO DEL ARTE

Jéssica Oliveira de Pádua

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
jessipaduaartes@gmail.com

Alessandra Cardoso de Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
alessandra.freitas@ufrn.br

RESUMO

O texto apresenta parte da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte intitulada “Ler com Arte: a arte como potência na mediação literária”. Tem como objetivo apresentar e refletir sobre o estado da arte da pesquisa em educação que relaciona a Literatura ao seu aspecto estético representado pelo conceito de Literatura-arte, baseado em Souza (2011) e nos estudos de Dewey (2010) e Eco (2003). A discussão busca debater a percepção da arte literária ligada ao viés utilitário e moralizante, elencado à literatura infantil desde a sua origem. Sobretudo, busca evidenciar a literatura como a arte da palavra e a experiência estética desencadeada na comunicação entre texto e leitor.

Palavras-chave: Literatura-arte, pesquisa em educação, arte literária, experiência estética.

RESUMEN

Este texto presenta parte de la investigación de maestría en curso en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte titulada “Leer con Arte: el arte como potencia en la mediación literaria”. Tiene como objetivo presentar y reflexionar sobre el estado del arte de la investigación educativa que relaciona la Literatura con su aspecto estético representado por el concepto de Literatura-arte, a partir de Souza (2011) y de los estudios de Dewey (2010) y Eco (2003). La discusión busca debatir la percepción del arte literario vinculado al sesgo utilitarista y moralizante que se asocia a la literatura infantil desde sus inicios. Sobre todo, busca destacar la literatura como el arte de la palabra y la experiencia estética desencadenada en la comunicación entre texto y lector.

Palabras clave: Literatura-arte, investigación educativa, arte literario, experiencia estética.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte da pesquisa de mestrado que surge como resposta às inquietações oriundas de práticas pedagógicas como mediadora de leitura em bibliotecas escolares e como arte-educadora na rede municipal e estadual de ensino no estado do Rio Grande do Norte. Na docência em arte, atendendo a todas as séries da educação básica, constatamos que a dificuldade de ler dos alunos, dentre outros aspectos, refletia na ausência da compreensão sobre as tramas entre arte e literatura, o que repercutia em limitações na vivência de experiências estéticas. John Dewey (2010) entende que a compreensão estética só se dará a partir da astúcia da natureza da produção artística, aliada ao deleite (Dewey, 2010, p. 73).

Os estudantes, leitores em formação no contato com as linguagens artísticas, apresentavam fragilidades de compreensão sobre o que liam, seja um texto informativo, como aqueles presentes nos livros didáticos, sejam textos de ordem literária e artística, como poemas, contos, pinturas, músicas, filmes, cenas e coreografias. As obras de arte se apresentam como um grande desafio à interpretação deles. Muitos só classificavam o percebido nas obras apoiados no gosto pessoal: “legal”, “bonito”, “chato”, “estranho”, “feio”. Eram essas as respostas após apreciação artística. Sophie Curtil, artista plástica, gravadora, editora e ilustradora francesa atuante, sobretudo, na literatura infantil, citada por Michele Petit (2019), pondera sobre a educação artística e cultural: “uma educação para arte solicita particularmente a sensibilidade, a instrução, o espírito de síntese, suscita a analogia e a metáfora que estão cruelmente ausentes no ensino analítico e racional dominante” (Curtil apud Petit, 2019, p.193).

Diante dessa percepção, foram desenvolvidos estudos sobre estratégias de mediação de leitura apoiadas em metodologias ativas do ensino da arte, na perspectiva da promoção da leitura literária como atividade prazerosa: atividade lúdicas sonoras, jogos cênicos, oficinas de ilustrações e pinturas, oficinas de dança-teatro, leituras dramáticas, além de atividades ligadas à arteterapia que foram adotadas como estratégia de preparação para a mediação de leitura.

Como resposta, houve uma considerável aceitação às atividades propostas, acompanhadas da participação dos estudantes, além da ampliação dos empréstimos de livros de literatura para leitura livre, desvinculada de objetivo pedagógico guiado pelo professor, como nos elucida Zumthor sobre o exercício da leitura:

[...] ora, em certos casos (que é preciso definir), a leitura deixa de ser unicamente decodificação e informação. Somam-se a isto e, em casos extremos, em substituição, elementos não informativos, que têm a propriedade de propiciar um prazer, o qual emana de um laço pessoal estabelecido entre o leitor que lê e o texto como tal. Para o leitor, esse prazer constitui o critério principal, muitas vezes único, de poeticidade (literariedade). (Zumthor, 1990, p. 24).

A proposta de mediação de leitura literária, a partir da concepção de performance do corpo, desenvolvida por Zumthor (1990), apresenta o texto literário em consonância com a poética do autor: “(...) um discurso se torna de fato realidade poética (literária) na e pela leitura que é praticada por tal indivíduo (Zumthor, 1990, p.24), de modo a provocar nos estudantes a percepção dos sinais motivados pela experiência estética. “Toda obra de arte segue o plano padrão de uma experiência completa, fazendo que seja sentida de maneira mais intensa e concentrada” (Dewey, 2010, p.134), seja através das linguagens artísticas ou literárias, contemplando os efeitos de encantamento e aprendizagem concomitantes acerca da leitura – estética e literária – do texto apreciado.

A fim de aprofundar o estudo sobre a relação entre literatura e arte, iniciamos a pesquisa de mestrado. Partimos do entendimento segundo o qual a arte e a literatura conversam como linguagens e interagem a favor do ensino e da aprendizagem por meio da leitura estética da obra literária. Essa ideia, mesmo que bem aceita no meio acadêmico, ainda necessita ser investigada de forma mais verticalizada, principalmente tratando-se de uma abordagem metodológica voltada ao ensino. Petit também observa essa lacuna:

[...] seria estimulante explorar mais minuciosamente o que é específico à mediação pelo texto literário, pelo desenho, pela realização audiovisual etc., precisar a contribuição de cada uma dessas atividades, de cada um desses modos de simbolização, a partir da experiência dos que a eles se entregam (Petit, 2009, p.145).

Assim, temos empreendido investigação acadêmica em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, inclinada à defesa do que chamaremos de Literatura-arte, abordando os aspectos estéticos da arte literária e observando ainda como a literatura é tratada nas pesquisas acadêmicas correlatas ao processo educacional. Entendemos que a literatura-arte potencializa a aprendizagem da leitura concomitantemente ao desenvolvimento da sensibilidade estética e, portanto, necessita ser vista como obra de arte e ter sua presença assegurada, tanto na pesquisa em educação quanto nas práticas educativas na sala de aula.

A literatura se encontra dentro do campo da arte, da arte com a palavra, que só se consolida quando sua obra se encontra com seu público – o leitor – através das três categorias básicas da experiência estética – *poesis* (consciência criadora), *aisthesis* (consciência perceptora) e *karthasis* (experiência subjetiva) (Jauss, 1979, p.102) vivenciando o que é definido como experiência estética. Hans Robert Jauss, coautor da teoria da estética da recepção junto a Wolfgang Iser, percebe o leitor não como mero decodificador ou receptor passivo da obra literária; este, a partir da experiência estética, recria e dá sentido e significado próprio ao texto:

[...] em todas as relações entre as funções, a comunicação literária só conserva o caráter de uma experiência enquanto a atividade da *poesis*, da *aisthesis* ou da *karthasis* mantiver o caráter de prazer. Esse estado de oscilação entre prazer sensorial e mera reflexão nunca foi descrita de forma tão incisiva em que um aforismo de Goethe, que, aproximando-se aí da teoria moderna da arte, já antecipava a inversão da *aisthesis em poesis*: “há três classes de leitores: o primeiro, que goza sem julgamento, o terceiro que o julga sem gozar, o intermediário, que julga gozando e goza julgando, é o que propriamente recria a obra de arte. (Jauss, 1979, p.103).

A percepção estética do texto literário oportuniza a construção de horizonte de expectativas, maiores e encantadores para o aluno. A arte, enquanto proposta de percepção da realidade, pode sensibilizar o aluno para ler, ouvir, interpretar e sentir o texto literário. Ler com arte é, além de entender a história lida, compreender a história percebendo-a estética e sinestesticamente. Esse conceito operacional é o que move a investigação em processo.

2. LITERATURA COMO ARTE OU A ARTE NA LITERATURA

Apoiados em Dewey entendemos que “a arte denota um processo de fazer e criar” (2010, p.126); corresponde a uma proposição estética que reflete “a experiência como apreciação, percepção e deleite” (2010, p.127). Para o autor supracitado há uma relação inerente entre arte e estética, sendo estas entendidas respectivamente como fazer criativo, que resulta num produto artístico e na apreciação

do produto desse fazer, que se permutam e consolidam-se através de um processo que é ao mesmo tempo sensorial e intelectual, denominado por ele como experiência estética. O sensorial aqui denota os sentidos e os sentimentos no campo da emoção, que na visão desse autor consolida e valida toda experiência, tornando-a singular. A aprendizagem está incluída nesse tipo de singularidade, já que “a ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado; aprendê-lo é o objetivo de toda a compreensão” (Dewey, 2010, p.122).

Em relação à Literatura, evocamos Antônio Cândido (2012):

[...] chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (Cândido, 2012, s.p.).

Para o autor, a literatura é uma manifestação social presente em todas as culturas e em todos os tempos, afirmando ainda que não há possibilidade de existência humana sem a necessidade de criar narrativas poéticas por meio da linguagem, da palavra em sentido literário (Cândido, 2012, s.p.).

Duarte Junior (1994) observa o fenômeno estético presente na literatura e defende o conhecimento humano como um jogo dialógico entre o que é sentido e o que é simbolizado pela linguagem, sendo a palavra o elemento transformador do mundo (Duarte Junior, 1994, p.19). No entanto, para o autor, a linguagem não é capaz de apresentar a natureza dos sentimentos, somente os comunica; essa inflexão da linguagem é suprida pela arte, na tentativa de apresentar os sentimentos em seu instante. Assim, ao tratar da literatura e da poesia, enquanto linguagem empregada de forma artística, o autor afirma que, nesse caso, ela altera sua forma, prioritariamente para comunicar, para definir e para “procurar explorar ao máximo seu polo expressivo, distanciando-se da simples transmissão de conceitos” (Duarte Junior, 1994, p.47).

Tanto Dewey como Duarte Junior consagram à arte e à literatura o papel marcante da expressão do sentir, ainda reforçando a necessidade da proposição do artista/autor para que a percepção estética seja efetiva. Nesse ponto, concordamos com ambos, na afirmação que a intenção do artista/autor é a percepção da linguagem de forma estética, marcada por uma nova visão dos signos, sons, gestos, movimentos e palavras.

No tocante à relação conceitual entre arte e literatura, trataremos de autores e suas concepções de literatura a fim de construir a ideia que temos dessa forma artística, a qual não se resume na ideia simplista da “arte das palavras”, e avançarmos no conceito de literatura-arte evocado neste artigo.

Iniciamos com Cândido (1972), com sua palestra intitulada “A literatura e a formação do homem”, na qual defende como principal função da literatura: a humanização. Reunindo-se com a função psicológica, que nos permite fantasiar, a função formadora busca desenvolver a reflexão através da ética, aliada à função social – o reconhecimento da realidade. Já a função humanizadora da literatura utiliza a linguagem para percepção, na tentativa de entender a experiência humana (Cândido, 1972, p. 82-86).

Umberto Eco (2003) suscita características e funções da literatura como: constituir um patrimônio coletivo; desvelar identidade e comunidade; dar liberdade à interpretação ao mesmo tempo que constrói verdade (ECO, 2003, p. 10-11). O autor reafirma a função educativa da literatura, assim como Cândido, entendida por ele como educar para a liberdade e a criatividade, o destino e a morte. Esta, metaforicamente, nos remete à catarse de Aristóteles, ponto alto do sofrimento encenado que nos traria a sensação única e viva do sentir e compreender, fruição chamada por Dewey (2010) de experiência estética.

Observamos que estes conceitos e ideias do que vem a ser a literatura aborda-a como objeto que sensibiliza, liberta, faz o leitor perceber-se como pessoa histórico-social, presente no mundo que se traduz através das palavras e da linguagem. Isso só é possível pela sua vertente artística, que o faz ler sentindo e sentir lendo. Partindo desse princípio, alcançamos a concepção de literatura-arte, ideia basilar de nossa pesquisa, que defende que a leitura só tem sentido na fruição, assim como afirma Souza (2011).

Partindo disso, a compreendemos como arte povoada e significada por indivíduos e por uma multidão simbólica de personagens; como arte que promove encontros com ideias perturbadoras e organizações linguísticas estranhas; como arte que é experiencial, pois aciona sensações e sentimentos do ser; como arte que se utiliza de um instrumento poderoso, a palavra, para envolver o ser em uma reflexão social; como arte produto e destino de uma subjetividade com vistas à humanização; como arte que humaniza e torna acessível a bagagem humana e cultural. (Souza, 2011, p.93).

A literatura-arte, cuja grafia torna redundante propositadamente, nos provoca a percepção da arte na literatura, aquela que promove a humanização segundo Cândido pela leitura-fruição – outra grafia redundante. Ora, se literatura está no campo estético da palavra, toda literatura é arte? Assim, toda leitura é fruição?

Tomando de empréstimo a linguagem matemática transmutada em metáfora, afirmamos: a fruição está para a leitura de literatura assim como o fermento está para o pão; sem o primeiro, o segundo pode até alimentar, mas não sacia, não traz o gosto/gozo do sabor, não amplia o paladar. Dewey (2010) ao destacar a intencionalidade do autor/leitor afirma que, durante a recepção estética, é preciso a percepção do leitor possa alinhar-se aos objetivos do autor. A arte se faz desafiante àqueles com pouco repertório. Poeticamente, Eduardo Galeano (2002) exemplificou essa necessidade no microconto “a função da arte/1”, conto presente na obra “O livro dos abraços”:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, s. p.).

A arte ensina a olhar, assim como a leitura de literatura ensina a ler, a fruir o texto. A literatura-arte - esse substantivo composto - que nesse estudo será chamada somente pelo seu nome simples - literatura, o é porque acredito, toda literatura é arte e deve ser lida como tal (com exceção aos textos que não são literatura). O processo de leitura de literatura permeada pela experiência estética, atenta para a fruição, promove o prazer de ler, extasiado – em *karthasis* - como aquele que se depara, pela primeira vez, frente à imensidão do mar.

3. A LITERATURA-ARTE NAS PESQUISAS ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO

Sobre o objeto de estudo deste trabalho – a literatura como arte no momento da mediação literária, constituímos o estado da arte coletando no mês de maio do ano de 2023, no Catálogo de Dissertações e Teses (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Foram selecionados dois trabalhos acadêmicos elaborados entre 2018 e 2022, mediante as seguintes palavras-chaves: Literatura; Arte; Mediação de Leitura Literária, Experiência Estética, Educação Estética, Literatura Infanto-juvenil; refinando a busca por trabalhos de mestrado e doutorado, aplicados à grande área das ciências humanas, concentrados na área de da educação, cultura e linguagens.

Identificamos várias dificuldades relacionadas à temática, como o fato de as pesquisas ligadas à literatura e arte se concentrarem na promoção de leitura na turmas do ensino médio; a ideia, quase unânime, quando se trata da articulação entre literatura e arte, que a mediação está condicionada à contação de histórias e não na leitura de literatura, em sua maioria voltada ao lúdico do público da educação infantil; pesquisas centradas no aspecto instrumental da leitura de literatura, como viés utilitário para ação pedagógica; ou ainda, focando na arte como simples entretenimento, lançada como “isca didática”, visando o processo de leitura para ‘domesticação’ da criança ou para ajudar na animação da leitura pelo mediador.

A primeira dissertação selecionada para análise desse estado da arte foi apresentada no ano de 2018 pela docente Zenaide Aparecida Negrão, com o título “A cartola mágica das palavras: o encantamento na formação do leitor”, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN, na cidade de Londrina da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Esse estudo centra-se numa proposta de ensino de “leitura sedutora e lúdica”, objetivando a construção de um produto educacional, como um manual de atividades para orientação inicial voltada à formação de leitores, além de um curso de formação continuada, ambos direcionados a estudantes do curso normal (magistério de nível médio) (Negrão, 2018, p. 13). O trabalho deve como objetivo

A proposta é rever os processos de letramento, aprimorando as técnicas e recepção do texto, oferecendo um material simples, objetivo, fruto da pesquisa e também da experiência da pesquisadora e de sua orientadora, desenvolvido e compilado ao longo de anos em sala de aula, numa tentativa de auxiliar a resolução do problema: como promover, principalmente quanto aos professores, o interesse pela formação do leitor. (Negrão, 2018, p.13).

Tendo como corpus obras de escritores brasileiros de ficção, com ênfase aos gêneros histórico e policial, abordando temas de denúncia social, além de poesia infantis e juvenis, a autora defende a leitura de literatura desde os primeiros momentos da alfabetização e a promoção da leitura de forma lúdica, sedutora ao aluno, guiado pelo professor.

Negrão (2018) se aproxima da nossa pesquisa quando busca promover a formação de leitores pelo prazer da leitura, ainda na infância. No entanto, entendemos que há um discurso ambíguo, ao aliar a leitura de literatura a tarefas de escrita e leitura, vinculando a literatura a um caráter utilitarista. Defendemos a mediação e a apreciação da leitura literária sem intenção de “uso” do texto literário para ensinar a ler e escrever, aspecto que nos remete ao que Souza chamou de *apologia da escrita* (Souza, 2011, p.89-90).

Da mesma forma, não acreditamos num ensino de literatura padronizado a partir de um “manual”, já que as crianças devem ser observadas como sujeitos únicos, que mesmo pertencendo a mesma faixa etária e grupo social apresentam suas subjetividades, impossibilitando a adoção de ações pedagógicas padronizadas para emprego didático da literatura, assim como no ensino da arte.

A segunda investigação, a tese “A literatura infantil pelo olhar da criança”, da pedagoga e pesquisadora Maria Elisa de Araújo Grossi, defendida também em 2018, foca na análise da recepção por crianças das obras altamente recomendadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no ano de 2015. A pesquisa intenciona refletir sobre a recepção de crianças do primeiro ano do ensino fundamental a partir das obras recomendadas. A autora faz parte de um dos grupos de pesquisadores que ajudam na análise e seleção dessas obras e fez a checagem junto de pequenos grupos de crianças a partir de círculos de leitura. Uma das justificativas da autora para tal pesquisa foi

O acesso aos livros a serem selecionados para a atribuição do selo Altamente Recomendável permite, também, a identificação de uma diversidade de propostas de literatura para a criança e esse aspecto suscitou o desejo de uma investigação mais qualitativa em relação ao olhar da criança sobre os livros a elas endereçados. (Grossi, 2018, p.22).

A percepção e a recepção dos adultos em relação às obras literárias recomendadas para o público infantil, quase sempre, não observam as respostas das próprias crianças a tais livros, aspecto bastante significativo no estudo de Grossi (2018), que se aproxima da nossa pesquisa quando abarca a literatura infantil. O estudo de Grossi, assim como o nosso, apresenta alinhamento conceitual direcionado à literatura como arte fundamental, com apoio nos trabalhos de Regina Zilberman (2003). Outro alinhamento corresponde à observação da recepção literária das crianças, utilizando a estratégia de círculos de leitura planejados para leitura em voz alta das obras analisadas pela pesquisadora. Tal ação didática, norteadas em perguntas estratégicas, busca compreender como se dava a percepção e a recepção literária pelas crianças, além de mediar a conversa. Foi traçada como metodologia de pesquisa baseada no método chamado *Círculo de leitura* pelo pesquisador Rildo Cosson, caracterizada como processo dinâmico semiestruturado, como uma conversa, na qual as crianças têm maior oportunidade de falar: “caberia a essa, formular algumas perguntas apenas para iniciar o diálogo e motivar a fala dos pequenos leitores. Havia a possibilidade de outras perguntas surgirem, a partir das considerações dos pequenos leitores. (Grossi, 2018, p. 207).

Perguntar e construir diálogo sobre a leitura é uma das propostas de atividade para o momento de pós-leitura da Experiência de Leitura com Andaimos – a Andaimagem, metodologia desenvolvida por M. Graves e B. Graves (1990) escolhida para instrumentar nossa pesquisa quanto à mediação da leitura. No método da andaimagem, a pergunta não se destina à verificação da resposta “certa”, mas a escuta ativa do estudante leitor, a fim de compreender o processo de leitura a partir da recepção desse sujeito, como coautor/cocriador, através da experiência da leitura do texto literário.

Questionamento é frequentemente usado e é uma atividade segura. Atividades de questionamento dão aos professores a oportunidade de encorajar e promover o pensamento de ordem superior - de levar os estudantes a enfrentar o material, a interpretar, a analisar e avaliar o que eles leram. (...) É claro, os professores não são os únicos que devem fazer perguntas depois da leitura. Os estudantes podem fazer perguntas entre eles, eles podem perguntar aos professores, e eles podem fazer perguntas que eles planejam responder através de leituras futuras. (Graves; Graves, 1995, p.12).

Apesar desses aspectos, percebemos que a leitura no trabalho de Grossi (2018) está restrita apenas ao emprego da leitura em voz alta das obras escolhidas pelas crianças, sendo 4 obras lidas em cada círculo de leitura. Em nossa proposta investigativa, elencamos 1 obra literária para cada encontro, explorando profundamente as possibilidades de articulação entre linguagem artística e literária, seguindo o modelo da Andaimagem, com momento de pré-leitura, da leitura propriamente dita e de pós-leitura.

4. DISCUSSÃO: POR QUE A LITERATURA NÃO É INVESTIGADA COMO ARTE NAS PESQUISAS ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO?

O desenvolvimento restrito de pesquisas acadêmicas no âmbito da literatura articulada a arte, voltada à mediação de leitura, evidencia dois pontos de cisão percebidos na educação voltada às crianças: primeiro - a distância entre a percepção da literatura como arte, desvinculando o texto literário da estética presente na obra literária, sem oportunizar a fruição e, por consequência, o prazer da leitura literária. Amarilha (1997) trata disso quando observa a problemática dos docentes em relação à poesia.

Enquanto se fala de fruição do texto, na necessidade em se relacionar com a literatura de forma libertadora, a verdade é que pouca atenção tem se dado aos componentes da literatura quase transformam em objeto de prazer e, por tanto, desejada pelos seus usuários. É difícil falar de prazer para quem nunca o experimentou. No entanto, entendendo que mais difícil ainda é ensinar a encontrar prazer no texto quando nós mesmos não nos deparamos com esse momento. (Amarilha, 1997, p.25).

O segundo ponto a ser observado é a formação pedagógica e didática que não contempla o ensino e a mediação de leitura literária. Acredita-se que a literatura só pode ser ensinada por docentes com formação nos Cursos de Letras, ou ainda, somente no ensino médio, desconsiderando a literatura infantil e juvenil do âmbito na educação infantil e no ensino fundamental, onde tem início, de forma sistemática, a formação de leitores.

Amarilha (1997) evidencia a problemática da vacância da literatura na prática didática em suas pesquisas, quando apresenta o dado de que somente 25% dos professores promoviam o ensino de literatura, mesmo que de forma assistemática; sendo a literatura percebida como conteúdo pouco significativo pela maioria dos educadores (Amarilha, 1997, p.17). Após essa constatação, Amarilha (1997) apresenta aspectos significativos da oralização história, como: a demonstração de interesse em ouvir histórias apresentada pelos aprendizes; a função organizadora de sentido pertinente à própria estrutura narrativa; além de ampliar o domínio das características dos gêneros literários que recorrem à tipologia narrativa (Amarilha, 1997, p. 19-22). A autora defende a necessidade do domínio dos aspectos teóricos da estrutura narrativa e a importância do seu conhecimento pelos docentes, tendo em vista o desenvolvimento da aprendizagem da linguagem, criatividade e imaginação, para que “a prática da literatura na escola tenha, de fato, um objetivo que lhe faça *jus*” (Amarilha, 1997, p.23).

Ademais, criticamos o emprego das práticas artísticas como subterfúgio lúdico. Evocar a arte somente ao aspecto facilitador é reduzir a arte a mero entretenimento, para o efeito animador no processo de leitura. Buscamos na arte o suporte multimodal do sensível, para a ampliação da percepção da poética literária proposta na experiência aliada ao som – ao corpo – ao movimento –, marcada na experiência estética da música, do teatro e da dança, aliadas à literatura.

A arte educa os sentidos para perceber profundamente o mundo e suas narrativas, como elucida Vigotsky (2013): “uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos” (Vigotsky, 2010, p. 342). A literatura alicerçada na experiência estética no processo da leitura e fruição une pensamento, sentimento e amplia o repertório cognitivo, objetivo fundamental da educação: a promoção do saber e a criticidade do saber ser. A percepção estética do texto literário oportuniza ao aluno novas e encantadoras formas de aprender. A arte, enquanto proposta de percepção da realidade, pode sensibilizar o aluno para ler, ouvir, interpretar e sentir o texto literário. Promover a leitura da literatura como arte é, além de compreender a narrativa lida, percebê-la estética e sinestesicamente. Por isso, inclinamo-nos a hipótese ao entendimento de que a arte potencializa a leitura literária quando, aliada às linguagens das artes visuais, da música, do teatro e da dança, desenvolve a percepção cognoscível da narrativa poética para além do texto. Propomos uma educação estética, a partir do suporte da multimodalidade do sensível presente nas obras de literatura, especialmente aquelas destinadas aos leitores iniciantes, crianças e adolescentes.

Nossa proposta de mediação de leitura literária observa a leitura de literatura como experiência, por percebê-la como arte, como evoca Dewey (2010, p. 134): “Toda obra de arte segue o plano padrão de uma experiência completa, fazendo que seja sentida de maneira mais intensa e concentrada”. Na performance da leitura literária, alicerçada na voz, seja através das linguagens artísticas ou literárias, contemplam-se os efeitos de encantamento e aprendizagem concomitantes acerca da leitura – estética e literária – do texto apreciado. Entendemos que o acolhimento nos encontros realizados na biblioteca, assim como a performance na mediação literária, pela forma como se dá vida ao texto, buscando enxergá-lo como uma partitura, também gera aproximação dos alunos com o mundo da leitura e dos livros.

Acerca da performance da leitura, a mediação é uma prática imprescindível no início da aproximação da literatura, como exemplifica Petit (2019, p.163, grifo nosso):

Assim, *a leitura em voz alta* teria sido, até uma época recente, uma das grandes vias de *acesso ao desejo de ler* [...]. Provavelmente ela o é ainda hoje, mas sob certas condições: que a *criança sinta que o adulto deseja compartilhar algo que lhe é caro, que lhe dá prazer*; (se o adulto lê unicamente porque acha que “é correto” ou porque será útil na escola, sem ter gosto pela coisa, não dá certo); [...] *que ela faça o que quiser daquilo que ouvir*, [...], sem que se pergunte constantemente se ela “entendeu direitinho”; e que o adulto não se ponha muito em destaque, mas empreste a sua voz ao texto ou à lenda, *assuma o papel de transmissor – e preserve assim o lugar do Outro*, do terceiro.

No recorte acima, evidenciamos a predisposição da leitura prazerosa, performada pelo mediador, assim como a ênfase na recepção como algo subjetivo, particular, que deve ser desvinculado do didatismo na leitura de literatura infantil. Observamos que Petit (2019) defende a leitura como processo estético, que deve ser guiado pelo compartilhamento do prazer em ler junto à performance da voz do mediador de leitura, que dá vida à poética do texto literário, permitindo assim o elo do leitor – o Outro – com a literatura.

No tocante à importância da leitura de literatura infantojuvenil na mediação literária, nos fundamentamos em Marly Amarilha (1997), que destaca o envolvimento emocional e catártico do leitor com a narrativa literária, que pode levar à comoção, nutrindo o intelectual e o imaginário, dando a possibilidade ao leitor de viver outras realidades. Amarilha (1997, p. 19) reafirma a importância da oralização da leitura de literatura pela experiência imaginária que isso provoca quando

atinge o receptor do ponto de vista emotivo e cognitivo. [...] através desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, [...] Pelo processo de “viver” temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco.

Conclusiva, a autora defende a necessidade do domínio dos aspectos teóricos da estrutura narrativa pelos docentes para o desenvolvimento da aprendizagem da linguagem pelos estudantes, para que “a prática da literatura na escola tenha, de fato, um objetivo que lhe faça jus” (Amarilha, 1997, p. 23).

Defendemos a permanência da literatura infantil na educação por seu caráter humanístico e emancipatório, observado quando lemos literatura como arte, através da experiência estética consolidada pela fruição. Restringe a literatura a condição de recurso didático para o desenvolvimento de atividades de leitura e escritas é uma contradição à proposta da arte literária, evidenciada por Kafta, citado por Manguel (2021, p.111-112): “No fim das contas, penso que devemos ler somente livros que nos mordam e piniquem. (...) Um livro tem de ser um machado para o mar gelado de dentro de nós. É nisso que acredito”. A proposição/provocação que uma obra literária pode fazer à nossa imaginação, atinge nosso pensar e nossos sentidos.

Não há atividade escrita que alcance a ampliação de horizonte cognitivo e emocional do que a experiência estética vivenciada na leitura de literatura. Ler e conversar sobre o que é lido é uma forma singular de compartilhar os sentidos constituídos durante o sentir a obra literária. Defendemos que a literatura - que é arte - deve ser experienciada a partir da leitura estética, e que esse processo seja direcionado didaticamente sem desmerecer o prazer da fruição, aspecto necessário à formação de leitores - algo almejado por muitos na sociedade brasileira.

Referências

- AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas?* Literatura infantil e prática pedagógica. Vozes, Petrópolis; Natal: EDUFRRN, 1997. 93 p.
- CÂNDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. Revista para publicação em, v. 8, p. 8, 1972. 12 p.
- _____. *O direito a literatura*. IN: O direito à literatura / organizadores: Aldo de Lima...[et al.] – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012. p.12-35.
- DEWEY. J. Ter uma experiência. IN: *Arte como experiência*. Org. Jo Ann Boydston; São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 109-141.
- DUARTE JUNIOR, J. F. *Por que Arte-educação?* 7ª ed. Campinas: Papirus, 1994. 78p.
- GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: *Reading*. UK. April.1995. 19 p.
- GROSSI, M. E. de A. *A literatura infantil pelo olhar da criança*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. - Belo Horizonte, 2018. 251 p. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BA7M7M/1/tese_doutorado_maria_elisa.pdf Acesso em 25 de maio de 2023.
- JAUSS, H. R. o prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. IN: *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 85-104.
- NEGRÃO, Z. A. *A Cartola Mágica das Palavras: o encantamento na formação do leitor*. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2018. 164 p. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3276/1/LD_PPGEN_M_Negr%C3%A3o%2C%20Zenaide%20Aparecida_2018.pdf Acesso em 25 de maio de 2023.
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir as adversidades*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009. 304 p.
- _____. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Trad. Julia Vidile – 1 ed. - São Paulo: Editora 34, 2019. 208 p.
- SOUZA, Daniele Medeiros de. Uma janela sobre literatura-arte, uma janela sobre literatura-educação. In: JALLES, Antonia Fernanda. *Arte e cultura na infância*. Keila Barreto de Araújo (orgs) – Natal, RN: EDUFRRN, 2011.p.88-106.
- VIGOTSKY, L.S. *Psicologia pedagógica*. Coleção textos de psicologia. - 2 ed - São Paulo WMF Martins Fontes, 2004. p.323-364,
- ZUMTHOR, P. *Performance, Recepção e Leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo, COSACNAIF: 1990. 125p.

Recebido em: 04/03/2024

Aprovado em: 18/07/2024